

APRESENTAÇÃO

30 ANOS DE TERRA À VISTA. UMA HOMENAGEM A
ENI ORLANDI

Aracy Graça Ernst¹
Luciana Iost Vinhas²
Rosely Diniz da Silva Machado³

Esta publicação, entretecida por um conjunto de textos teóricos e analíticos, constitui-se num gesto de comemoração alusivo aos trinta anos de *Terra à Vista. Discurso do confronto: velho e novo mundo*, de autoria de Eni Orlandi. Na acolhida dos textos que concretizam uma forma de homenagear a quem introduziu e expandiu a teoria da Análise de Discurso no Brasil, temos a oportunidade de revisitar sua obra por entre os fios dos discursos que nela mapeiam a atualidade, a relevância e a potência do tema em pauta. É preciso dizer que a ideia de homenagem surgiu no entremeio das reuniões do grupo de Pesquisa LEAD - Laboratório de Estudos em Análise de Discurso -, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), encontrando-se atualmente sob a coordenação da Profa. Aracy Ernst (UFPEL/FURG) e da Profa. Luciana Vinhas (UFRGS/UFPEL).

O LEAD, fundado em 2012, sempre contou com o incentivo e apoio da Profa. Eni Orlandi, intelectual que nos deu a conhecer Pêcheux e nos ensinou a pensar com ele, a partir dele. Sua presença, ao longo dos anos, em vários eventos promovidos por esse grupo de pesquisa, tem contribuído substancialmente com as discussões teóricas empreendidas. A mobilização dos membros do grupo de pesquisa - professores e estudantes dos cursos de Mestrado e Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPEL - em torno de suas reflexões, juntamente com as de Pêcheux e de outros importantes nomes nesse domínio do saber e de domínios conexos, têm propiciado o desenvolvimento teórico-analítico de vários trabalhos (dissertações, teses e publicações) em concerto com a proposta da pesquisa principal e norteadora do LEAD. Essa proposta visa ao tratamento teórico-analítico da leitura enquanto

¹ Doutora em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Realizou estágio pós-doutoral na Universidade de Paris III, Sorbonne-Nouvelle. Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Letras - UFPEL.

² Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Professora adjunta de Língua Portuguesa no Departamento de Línguas Clássicas e Vernáculas (DECLAVE) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS e docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Letras (Mestrado e Doutorado) da Universidade Federal de Pelotas - UFPEL.

³ Doutora em Teorias do Texto e do Discurso, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Professora do Instituto de Letras e Artes e do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Membro do Laboratório de Estudos em Análise de Discurso (LEAD).

prática de significação em diferentes materialidades a partir de inquietações sobre a relação - subversiva e incontornável - entre ideologia e inconsciente.

Tal relação tem a ver com a natureza da Análise de Discurso Materialista que se propõe como uma disciplina de entrelugar, o que significa dizer que se constitui através de relações contraditórias entre teorias, fato que provoca “pressões, processos de inclusão e exclusão, hierarquização e legitimação, apagamentos, ou seja, relações de sentidos mas também relações de força...” (ORLANDI, 2002)⁴, além de implicar, em decorrência, a assunção de uma posição necessária de crítica e enfrentamento aos saberes constituídos, avessos ao pensamento materialista e às suas consequências. Portanto, em seu escopo, é impossível denegar que todo fazer científico é, também, uma tomada de posição. As reflexões de Orlandi - vastas, heterogêneas e combativas - instauram um gesto inédito de interpretação do Brasil. Não pelo viés da história, da sociedade ou do inconsciente, categorias tão caras às Ciências Humanas e Sociais, mas do discurso: um objeto que está no entrelaçamento dessas três ordens e, ao mesmo tempo, as subsume em sua configuração particular no campo do simbólico, para e por sujeitos.

É nesse estuário que surge *Terra à Vista*, uma das obras magnas da autora. Publicado pela primeira vez em 1990, o livro continua provocando (sempre) novos percursos de sentido, encontros outros, diferentes formas de compreender a realidade brasileira e de lutar por ela. É uma obra que mantém, portanto, sua atualidade e importância principalmente em face do sombrio e penoso momento político que estamos vivendo. Momento este em que a concepção de “ser brasileiro” e a conseqüente necessidade de constituição de uma nova consciência nacional enfrenta a reivindicação de tal prerrogativa por grupos radicais de extrema direita; momento este em que emergem notícias graves e inquietantes sobre a devastação sem precedentes da Amazônia, entre tantas outras da atualidade brasileira; momento este em que o descaso e/ou desrespeito aos povos originários que tentam proteger seus direitos transformam-se em violência e são reprimidos com virulência pela polícia. Diante da tentativa (ainda frustrada) de calar a voz daqueles que buscam defender direitos conquistados na Constituinte e que deveriam estar garantidos e não ameaçados - voz que vem sendo silenciada historicamente e em diferentes espaços: político, religioso, científico..., essa voz que querem apagada - emerge em *Terra à Vista*, tanto como objeto de estudo quanto como posição política.

Falar sobre ela é preciso! É, pois, com satisfação que contamos com a “fala” de autores/as que gentilmente se dispuseram a pautar, em seus textos, temas instigantes relacionados à obra em tela, relevando diferentes tramas do dizer e suas inquietantes provocações discursivas. Passamos, assim, a elencar a síntese de cada artigo que compõe esta publicação como mote à leitura e ao debate, na expectativa de contribuirmos, de alguma forma, para manter o “despertar” que a autora provocou em nós com a sua obra.

Abrindo este dossiê, temos o texto de *Eni Puccinelli Orlandi*, “A latência dos sentidos na pulsação da história. Os sentidos da colonização”, em que os limites entre o poético e a racionalidade são indistintos, urdindo uma trama discursiva vigorosa e sensível em que “pulsa” o tempo pretérito no tempo atual. Constitui-se numa retomada poético-analítica de processos de significação que emergem do espaço de reflexão anterior realizada em *Terra à Vista*, cujos efeitos de sentidos relacionados à produção da identidade e à configuração da brasilidade são expostos. Nessa retomada em que passado e presente se unem, o processo de metaforização da história que engendra o trabalho de interpretação de *Terra à vista* é trazido à baila, assim como a referência ao movimento próprio dos sentidos (definidos, indefinidos, estáveis, instáveis...

⁴ ORLANDI, Eni. A análise de discurso e seus entre-meios: notas a sua história do Brasil. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, (42): 21-40, Jan./Jun. 2002.

equivocos) considerados fundadores de nossas identidades e à possibilidade de devir de outros possíveis, não experimentados. Trata-se, pois, de uma contribuição fundamental para a compreensão dos processos discursivos envolvidos no contato entre o branco e o indígena a partir de uma tomada de posição teórico-política que analisa os modos de produção responsáveis pela configuração histórica e imaginária dos sentidos sobre o Brasil e sobre o que é ser brasileiro.

Emmanuel Filhol, no artigo “Présences tsiganes en France (et divers pays d’Europe): le traitement politique et la perception de l’Autre”, realiza um batimento entre o mundo dos ciganos e dois campos de saberes: a investigação historiográfica e a Análise do Discurso. Demarca a hostilidade direcionada aos ciganos, a partir da segunda metade do século XVII, caracterizada por perseguições e discriminações que ocasionaram resistência por parte dos grupos ciganos e, atualmente, o silenciamento de sua memória. O autor enfoca discursos, veiculados na França, sobre a língua cigana (romani), a qual também é objeto de desprezo. Questões políticas e culturais envolvem a presença cigana na França; na relação entre linguística e política, desdobram-se efeitos negativos na língua cigana. A conclusão do texto aponta para a importância de se considerar a presença cigana como um bem precioso. A tradução do texto de Filhol para a língua portuguesa está presente nesta publicação, produzida por Iago Nizolli, Stephany Machado Barbosa e Isabella Mozzillo, recebendo o título “Presenças ciganas na França (e outros países europeus): a abordagem política e a percepção do Outro”.

“Memória e Atualidade: O acontecimento do Terra à Vista em Mim”, texto de *Águeda Aparecida da Cruz Borges*, registra o seu encontro com a Análise de Discurso (AD), a partir da leitura da obra de Eni Orlandi. Traçando um percurso desse encontro, descreve como a teoria materialista do discurso provocou em si uma mudança de olhar para os povos originários do Brasil e que ainda impacta os estudos que vem desenvolvendo com povos indígenas de algumas etnias, em específico, os Xavante. A partir de sua pesquisa, a autora tece suas considerações sobre os conceitos teóricos da AD, sustentando o acontecimento em si, a partir do seu desejo em trabalhar, na/pela linguagem, a diferença, a contradição, a ideologia, o sujeito, o espaço e o corpo. Desse modo, relata um pouco da história que brota do “Terra à Vista”, percebendo seus efeitos no diálogo com outras leituras que a constituíram analista de discurso e que a faz cumprir, através de sua pesquisa, sua função social e científica junto aos povos originários.

Luciana Iost Vinhas apresenta o texto “Terra à vista: a história a contrapelo”, no qual realiza um retorno à obra de Eni Orlandi para mobilizar questões atuais, referentes às condições sócio-histórico-ideológicas da formação social brasileira. O apagamento dos indígenas brasileiros segue figurando como uma política de Estado, ainda mais agudizada com a gestão capitalista neoliberal colocada em prática pelos últimos governos federais. A autora traz a expressão “história a contrapelo”, oriunda da escrita de Walter Benjamin, para fazer referência ao fazer teórico-analítico de Orlandi, que, com o embasamento da Análise Materialista de Discurso, provoca os questionamentos necessários para desopacizar as evidências, a partir do princípio básico de que a contradição constitui todos os processos semânticos.

A reflexão empreendida por *Aracy Ernst*, em seu texto “Entre a língua indígena e a língua brasileira em *Terra à vista: situações*”, caracteriza-se por apresentar uma escrita condensada de pontos fundamentais relacionados à terceira parte da obra que versa sobre a configuração da brasilidade a partir da hipótese de que a constituição de uma língua é histórica e transpassa as práticas dos falantes. Além disso, estabelece relações entre a reflexão empreendida por Orlandi e acontecimentos veiculados na mídia sobre as manifestações dos povos indígenas, reprimidas, muitas vezes, com desrespeito e violência. Essa configuração dá-se historicamente pelas narrativas do outro estrangeiro numa prática de violência simbólica em que se fazem presentes

relações de força e jogos de poder, desencadeando determinados efeitos de sentido, responsáveis pela formação do imaginário identitário do brasileiro.

“Terra à Vista: um gesto de leitura sobre o que nos afeta”, de autoria de *Rosely Diniz da Silva Machado*, destaca a importância do livro “Terra à Vista” e de sua autora, cuja produção intelectual nos brinda com sua potência teórica e singular agudeza poética nas reflexões sobre a entremeadada trama discursiva do ler, do escrever, do simbolizar, do (a)prender. Ao mobilizar exemplos de discursos políticos e ao pautar alguns tópicos da obra, ressalta o caráter atemporal do livro, visto que materializa/atualiza o cenário caótico de desgoverno do nosso país. Vários são os exemplos de discursos políticos/analísáveis, sobretudo, na voz daquele que ocupa, atualmente, o cargo de Presidente da República. Demonstra-se que, embora tais discursos persistam, há o espaço para a resistência através de processos de desidentificação frente ao que nos afeta quando o Brasil é falado por nós e pelo(s) outro(s). Desse modo, este texto constitui-se numa forma de retomada e de agradecimento à necessária e influente produção teórica de Eni Orlandi.

Joyce Palha Colaça, no artigo “Discurso de/sobre América Latina nas aulas de língua espanhola: ‘A história que a história não conta’”, apresenta, com base em reflexões calcadas na obra “Terra à Vista”, considerações sobre o processo de preparação de aulas de língua espanhola, voltadas ao ensino de narrativas, realizadas na Universidade Federal do Sergipe (UFS). A proposta se baseia na distinção entre “discurso de” e “discurso sobre”; com isso, instala uma tensão sobre o episódio da invasão do continente americano e, também, sobre os povos originários. A autora refere os saberes referentes ao ensino de língua espanhola no currículo da UFS e trata do embasamento discursivo da concepção de língua e de educação na qual se ancora. O *corpus* é composto pelo material das aulas, produzido em um batimento entre os saberes da história oficial e outras textualidades, advindas de outro lugar, sobre a invasão da América. Através do resgate do entendimento de que é necessário provocar deslocamentos nos modos de dizer, a autora conclui reconhecendo a sala de aula como um espaço possível de comparecimento de outros discursos sobre a língua; esse gesto trabalha na configuração do imaginário da prática de ensino e do professor, sendo determinante no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira.

“O processo de significação de cidadão/cidadania no contexto de redemocratização”, texto de *Carolina Fernandes* e *Matheus dos Santos*, busca analisar como a concepção de “cidadão” e “cidadania” se constitui a partir do processo de redemocratização do Estado brasileiro, a fim de construir um imaginário social para o cidadão enquanto um sujeito de direito em uma nação democrática. Para tanto, analisam-se sequências discursivas da Constituição Federal (CF) de 1988 e da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996, a fim de se compreenderem os processos de significação para o cidadão brasileiro e sua educação. Fernandes e Santos tecem suas considerações a partir da trilha deixada por Orlandi (1990) em “Terra à Vista”, sem, no entanto, deslizarem pelo ordinário do sentido, visto que lhes interessa o amparo legal do discurso nacional que possibilita compreender o que nos cabe ser como sujeito de direito na identificação com o imaginário de cidadão brasileiro. Com base neste estudo, conclui-se que os discursos da CF e da LDB são determinados pela imbricação de duas formações discursivas, a humanista e a neoliberal, ocasionando uma certa circularidade nos processos de significação para “cidadão” e “cidadania” em nossa sociedade, o que produz um imaginário de sujeito-cidadão dividido entre o social e o individual.

Dialogando com as reflexões de Orlandi sobre discurso, imaginário e sociedade, o texto “No discurso do confronto, o trabalhador (re)descoberto. Pensar com Eni Orlandi”, de autoria de *Santiago Bretanha* e *Virgínia Lucena Caetano*, tem como tema o imaginário sobre o trabalho no

pronunciamento de Getúlio Vargas, alusivo ao Dia do Trabalho na conjuntura do Estado Novo (1937 - 1945), no qual se revela a busca da superação do modo de produção pré-capitalista brasileiro, baseado na exploração e exportação de *commodities* produzidas pelas elites monocultoras. Esse período ditatorial foi marcado pela tentativa de modernização do país. O desenvolvimento das análises, através da mobilização do conceito de pré-construído, mostrou que, sob a evidência do discurso da modernização e do progresso, constrói-se um imaginário de trabalhador que serve ao propósito da aliança firmada entre a burguesia industrial urbana e as elites latifundiárias, qual seja, o de manter o trabalhador como alavanca do crescimento econômico, permanecendo, no entanto, as estruturas de dominação já existentes.

Para finalizar, expressamos nossos agradecimentos às autoras e aos autores que estão participando desta publicação; aos tradutores do texto de Emmanuel Filhol, professores Iago Nizolli, Isabella Mozzillo e Stephany Barbosa; à editora da Revista Caderno de Letras, professora Claudia Lorena da Fonseca, por tão gentilmente ter acolhido nossa proposta de publicação; aos membros do Laboratório de Estudos em Análise de Discurso; aos Programas de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas e da Universidade Federal do Rio Grande; e, em especial, agradecemos à professora Eni Orlandi, por cujas mãos nasceu a obra que, para nós, é referência nos estudos sobre a relação entre ideologia e colonização. Com nosso gesto de homenagem à obra, homenageamos, também, a autora, e, com isso, tomamos o “Terra à Vista” como um acontecimento... na história e em nós mesmas!